ESPETÁCULO POEIRA: O TEATRO DOCUMENTÁRIO COMO REGISTRO DE NARRATIVAS NEGRAS[1]

Luan Renato Rodrigues Telles[2], Fátima Costa de Lima[3]

[1]Vinculado ao projeto "Imagens Políticas"
[2]Acadêmico do curso de Teatro – CEART – Bolsista PROBIC/AF
[3]Orientadora, Departamento de Artes Cênicas – CEART - costadelimafatima@gmail.com

O fazer teatral, desde suas primeiras manifestações na Grécia Antiga, possui várias ramificações e maneiras distintas de acontecer, e dentre elas encontra-se o *Teatro Documentário.* Tendo sua primeira fase no início do século XX, *o teatro documentário* ou *teatro documental* recebe esse nome por se tratar de dramaturgias criadas a partir de fontes históricas primárias, ou seja, documentos originais dos acontecimentos ou relatos de quem testemunhou o ocorrido, chamados de dados não-ficcionais. O caráter "documentário" desse modelo de dramaturgia se dá, de acordo com Marcelo Soler, justamente pela construção de peças ou cenas que se aproximem da não ficção. Não se cria uma ficção a respeito dos acontecimentos, os dados apenas são organizados de forma dramatúrgica. Ainda segundo Soler, o teatro documentário possui um caráter militante, que provoca o espectador a respeito dos fatos apresentados em forma de peça teatral.

Sob a orientação da professora Dra. Fátima Costa de Lima, minha pesquisa se baseia na peça de teatro documentário que construí como acadêmico do curso de licenciatura em Teatro da UDESC, o espetáculo "POEIRA", no qual abordo temas como a marginalização da mulher negra e os modelos de masculinidades do homem negro, tendo como pano de fundo a pergunta: "você nasceu pra ser ou pra fazer poeira?". A peça foi construída em 2018, durante a disciplina Interpretação IV (ministrada pela professora Dra. Maria Brígida de Miranda), e desde de então realiza apresentações participando de mostra teatrais, circuitos e festivais universitários. Meu objetivo com essa pesquisa consiste em estudar as possibilidades do teatro documentário como artifício de registro das narrativas de pessoas negras.

Os dados não ficcionais que utilizei para construir o espetáculo foram as histórias das mulheres negras da minha família, narrando da forma em que ocorreram, sem alterar os fatos. Coletei relatos da minha avó sobre a sua trajetória e utilizei acontecimentos presenciados por mim. Minha avó, Lucia Talita Rodrigues Telles, sonhava em ser cantora, mas não pode realizar o sonho pois seu pai (também cantor) não a permitiu. A escolha por narrar essa história em uma das cenas do espetáculo foi justamente abordar a voz de uma mulher negra que foi calada; de fazer uso do teatro documentário como meio de registro dessa história, para fazer referência a tantas outras mulheres negras que também tem suas vozes abafadas. A cena termina com ádio da própria Lúcia, relatando como se sente a respeito disso. Essa escolha visa provocar o efeito de distanciamento no público, ou seja, relembrar o espectador de que essa é uma história real — uma característica comum tanto ao teatro documentário quanto ao Teatro Épico de Brecht.

Outra cena do espetáculo foi baseada na vida de Lucrécia Teresinha Telles dos Santos, minha tia-avó e primeira mulher de Lages (SC) a trabalhar em um posto de gasolina como frentista. O teatro documentário é uma forma de compartilhar acontecimentos como esse com outras pessoas. Lucrécia foi outra mulher preta que precisou ceder muito da própria vida para sustentar sua família.

Ninguém sabe da história da Lucrécia, e por isso resolvi utilizar desse molde teatral para afirmar essa narrativa sem acrescentar nenhum fato. Conto como aconteceu, para levantar no público o questionamento sobre o que realmente significa "fazer poeira" na vida. Lucrécia, apesar de não ter sido conhecida por muitos e de ter falecido com uma história de trabalho duro em prol da própria família, agora tem sua vida registrada em um espetáculo teatral. Lucrécia fez e ainda faz poeira.

Um tema importante que o espetáculo abrange é o abandono paterno. Nessa cena eu escolhi colocar em xeque a minha própria história de abandono, visando questionar os moldes vigentes de masculinidades, que incentivam homens a abandonarem os filhos, resultando no que conhecemos por *mães-solo*. Segundo o Conselho Nacional de Justiça, em 2013 5,5 milhões de crianças brasileiras não possuíam o nome do pai na certidão de nascimento. Percebi que os fatos que aconteceram comigo e com a minha mãe poderiam servir para comunicação com outras pessoas que passaram pelo mesmo, e esta é outra característica marcante do teatro documentário: a capacidade de se comunicar de forma simples e direta com o público. Da mesma forma que nas outras cenas, narro sem alterar os fatos, para que o espectador tenha a noção da recorrência deste tipo de abandono e, dessa vez, o efeito de distanciamento é ainda mais forte. Nessa cena provoco um paradoxo no público, que presencia uma "personagem", já que está assistindo a uma peça teatral, e uma "não personagem" pois na verdade estou presente contando minha própria história, simultaneamente — a afirmação da realidade através da cena, algo típico do teatro documentário.

O espetáculo POEIRA representa uma maneira de afirmar e compartilhar a minha história e a história das mulheres pretas que me criaram e me fizeram gente. Dessa forma, eu, um homem negro e periférico, faço uso do teatro documentário para manter vivas narrativas que não estão em evidência e, assim, enaltecer a força e a sensibilidade da mulher negra.

Figura 1. *Apresentação do espetáculo POEIRA no festival a_ponte: Cena do Teatro Universitário, na sede do Itaú Cultural, na avenida paulista. Créditos: Agência Ophelia*

Palavras-chave: Teatro documentário. Teatro Negro. Narrativa negras.